Ñanduty
ISSN:2317-8590

Volume 14 | Número 23 | 2026

Territórios do sagrado: ensaio fotográfico etnográfico sobre práticas estéticas afro-brasileiras e psicologia simbólica no Quilombo de Pinhões

Sacred Territories: An Ethnographic Photo Essay on Afro-Brazilian Aesthetic Practices and Symbolic Psychology in the Pinhões Quilombo

Thaina Pereira de Assis
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
E-mail: thainapassis@gmail.com[1]
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-7057-2811

Adriana de Souza Medeiros Batista
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
E-mail: adriananuclear@yahoo.com.br[2]
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6834-7551

[1] Mestranda pelo Programa Promoção da Saúde e Prevenção da Violência Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Possui graduação em História (licenciatura e bacharelado) pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI/BH) (2010). Participou do programa "Afirmativas na Pós", pela Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (2012). Especializações em Ensino em Artes Visuais (2014) e Gênero e Diversidade na Escola (2016) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialização em Arteterapia pela Faculdade Vicentina (FAVI) e o Centro Integrado de Atividades (Integrarte) (2016). Especialização em Educação Indígena pela Ipemig e Faculdade Batista de Minas Gerais (2022). Especialização em Psicologia Analítica pela Universidade da Paz Goiás (Unipaz) e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2023). Formação em Reiki Master (2019). Formação em Constelação Familiar (2019) pelo Instituto Imensa Vida.

[2] Professora do Departamento de Anatomia e Imagem da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências e Técnicas Nucleares do Departamento de Engenharia Nuclear da UFMG. Possui graduação em Tecnologia em Radiologia pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet — MG) e Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Vale do Rio Verde (UninCor); Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela UNIMAIS; Mestrado em Ciências e Técnicas Nucleares pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007) e Doutorado em Ciências e Técnicas Nucleares na mesma instituição (2012). Realizou Estágio Pós - Doutoral no Departamento de Engenharia Nuclear da UFMG (2012/2013), no Laboratório de Radiação Ionizante da Universidad de Salamanca na Espanha (2013/2014) e Estágio Pós-doutorado em Ciências Químicas no Departamento de Engenharia Química e Têxtil da Universidad de Salamanca, Espanha (2018/2019). Está na coordenação colegiada em pesquisa do Núcleo de Promoção Saúde e Paz, da Faculdade de Medicina da UFMG. Membro da Academia Brasileira de Ciências Radiológicas, Associação Brasileira de Tecnólogos em Radiologia, Sociedade Brasileira de Radioproteção e Associação Brasileira de Energia Nuclear. Atua principalmente com os seguintes temas: Radioproteção, Dosimetria, Dosimetria Gama de Altas Doses, Imagens Médicas, Detectores de Radiação, Radioecologia, Engenharia de Materiais, Materiais Conjugados, Polímeros, Saúde Pública, Educação, Instituições Totais, Ciência e Tecnologia, Promoção da Saúde, Prevenção da Violência.

Ñanduty
ISSN:2317-8590
Volume 14 | Número 23 | 2026

Resumo
Este ensaio fotográfico etnográfico apresenta vivências arteterapêuticas com mulheres do Quilombo de Pinhões, em Minas Gerais, articulando mitologia iorubá, psicologia simbólica e práticas corporais em territórios sagrados. As sessões foram guiadas pelas figuras arquetípicas das iabás (Oxum, Iemanjá e Nanã), em espaços como cachoeira, jardim e cemitério dos escravizados, ativando narrativas de resistência, cuidado e reconexão com o corpo e a ancestralidade. As imagens documentam gestos, objetos e paisagens que funcionam como dispositivos de memória e elaboração simbólica. A análise dos espaços religiosos revela tensões entre estética colonial e quilombola, e entre memória oficializada e apagamento histórico, como na comparação entre igrejas e cemitérios. O cemitério tombado, hoje palco de rituais católicos e afro-brasileiros, contrasta com o cemitério não oficial do convento, lembrado apenas pela oralidade. Ao valorizar saberes ancestrais e mulheridades negras, o estudo afirma o corpo como altar multissensorial e território de cura, resistência e transformação.
Palavras-chave: arteterapia; mitologia iorubá; corpo; quilombo; mulheridades; ancestralidade

Abstract
This ethnographic photo essay presents art therapy sessions with women from the Pinhões Quilombo in Minas Gerais, Brazil, combining Yoruba mythology, symbolic psychology, and embodied practices in sacred territories. The sessions were guided by the archetypes of the iabás (Oxum, Iemanjá, and Nanã), and took place in locations such as a waterfall, a garden, and the cemetery of enslaved people, activating narratives of resistance, care, and reconnection with body and ancestry. The images document gestures, objects, and landscapes that function as devices of memory and symbolic elaboration. The analysis of religious spaces reveals tensions between colonial and quilombola aesthetics, and between officialized memory and historical erasure, as seen in the comparison between churches and cemeteries. The preserved cemetery, now a site for Catholic and Afro-Brazilian rituals, contrasts with the unofficial burial site at the convent, remembered only through oral tradition. By valuing ancestral knowledge and Black womanhoods, this study affirms the body as a multisensory altar and a territory of healing, resistance, and transformation.
Keywords: art therapy; ioruba mythology; body; quilombo; womanhoods; ancestry

Introdução

O Quilombo de Pinhões, em Santa Luzia, Minas Gerais (MG), é um território marcado por memórias de resistência, espiritualidade e cuidado coletivo (Dias, 2015). Neste ensaio fotográfico etnográfico, apresentamos vivências com mulheres, articulando arteterapia, mitologia iorubá e psicologia simbólica, em diálogo com perspectivas antropológicas sobre o corpo como tecnologia de mediação do sagrado e território de inscrição da memória coletiva (Bernardo, 2009; Silva, 2005). Nesse contexto, o corpo é compreendido como altar multissensorial, espaço onde gestos,

marcas, afetos e ancestralidades articulam experiências espirituais e políticas de resistência negra (Nascimento, 2006).

A pesquisa foi realizada entre março e maio de 2025 a partir de encontros com mulheres do Quilombo de Pinhões, no contexto do Projeto Para Elas: Por Elas, Por Eles, Por Nós da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), voltado às mulheres vítimas de violência (Melo & Melo, 2016). O acesso ao campo ocorreu por mediação comunitária e em parceria com a Unidade Básica de Saúde (UBS), com participação ativa das interlocutoras nas reflexões propostas e práticas arteterapêuticas. A presença das autoras implicou uma inserção corporal situada na qual o corpo operou como dispositivo de escuta, afecção e produção de conhecimento no território.

As sessões ocorreram em espaços simbólicos (cachoeira, jardim do convento de Macaúbas e cemitério) e foram guiadas por figuras arquetípicas das iabás (Zacharias & Silva, 2025). Os encontros foram iniciados com uma roda de conversa, atividade de conexão corporal com o espaço, seguida de produção arteterapêutica. Cada momento ativou gestos, narrativas e expressões corporais que revelam modos de existir e resistir, atravessados por raça, gênero, ancestralidade e espiritualidade (Diniz, 2014). A noção de feminino mobilizada nas vivências não foi compreendida como categoria universal, mas atravessada por experiências racializadas, comunitárias e históricas, em diálogo com perspectivas críticas produzidas por intelectuais negras e africanas (Gonzalez, 1988; Carneiro, 2005; Oyěwùmí, 2021).

As imagens foram utilizadas como registros e dispositivos de elaboração simbólica (Jung, 2014). A fotografia é compreendida não como ilustração, mas como linguagem etnográfica (Achutti, 1997; 2004), produzindo narrativas visuais que tensionam e ampliam o campo descritivo. A não identificação facial das participantes constituiu escolha ética e estética da pesquisa, orientada pela preservação das interlocutoras e pela centralidade conferida aos gestos, objetos, espacialidades e experiências corporais enquanto linguagem fotográfica etnográfica.

Ao explorar os territórios do sagrado, este trabalho propõe uma escuta sensível às mulheridades negras e às estéticas afro-brasileiras, evidenciando também disputas simbólicas entre memória oficializada e apagamento, como nos cemitérios e igrejas do território.

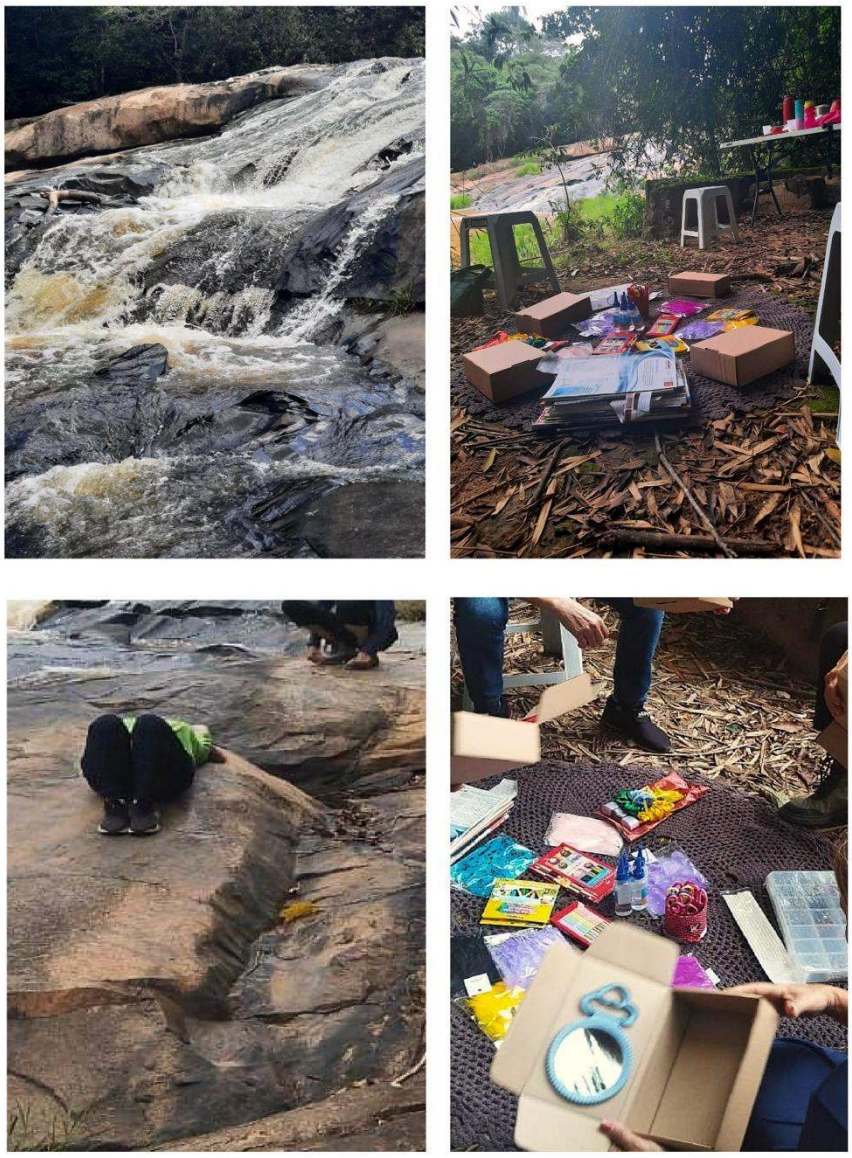
Oxum: espelho, cachoeira e beleza interior

A vivência com a figura arquetípica de Oxum foi realizada junto à cachoeira, território simbólico das águas doces e do feminino. Na figura 1, as imagens registram o ambiente natural e os gestos rituais das participantes, que se posicionaram entre pedras e vegetação, ativando um estado meditativo e introspectivo.

Figura 1

Vivência com Oxum na cachoeira. Mulheres reunidas entre pedras e vegetação realizam atividade de auto-observação com espelhos e objetos naturais. O cenário evidencia a relação entre corpo, água e contemplação.

Ñanduty
ISSN:2317-8590
Volume 14 | Número 23 | 2026



Fonte: acervo pessoal das autoras.

Cada mulher recebeu uma caixa contendo um espelho, iniciando um exercício de auto-observação. A abertura da caixa se tornou metáfora do acesso ao inconsciente, enquanto o espelho convocava o olhar para si. A atividade plástica consistiu na criação da “caixa de Oxum”, ornamentada com elementos naturais e materiais diversos, representando aspectos internos e externos da psique (Jung, 2014; Diniz, 2014).

As imagens revelam o cuidado com o espaço e com os objetos, bem como a presença corporal em relação ao território. A cachoeira, como cenário ritual, funcionou

como dispositivo de escuta e elaboração simbólica, ativando temas como autocuidado, envelhecimento e resistência estética.

Iemanjá: sentidos, ciclos e ancestralidade

A vivência com a figura arquetípica de Iemanjá ocorreu no jardim do convento de Macaúbas, espaço marcado pela coexistência entre arquitetura colonial e práticas afro-brasileiras de cuidado e ancestralidade. A realização da atividade nesse território tensiona historicamente relações entre colonialidade, religiosidade e resistência negra, deslocando o convento da condição de simples espaço de disputa simbólica. Na figura 2, a imagem revela o cenário florido e o grupo reunido em atividade artística, com tintas, papéis e objetos dispostos sobre uma manta no gramado.

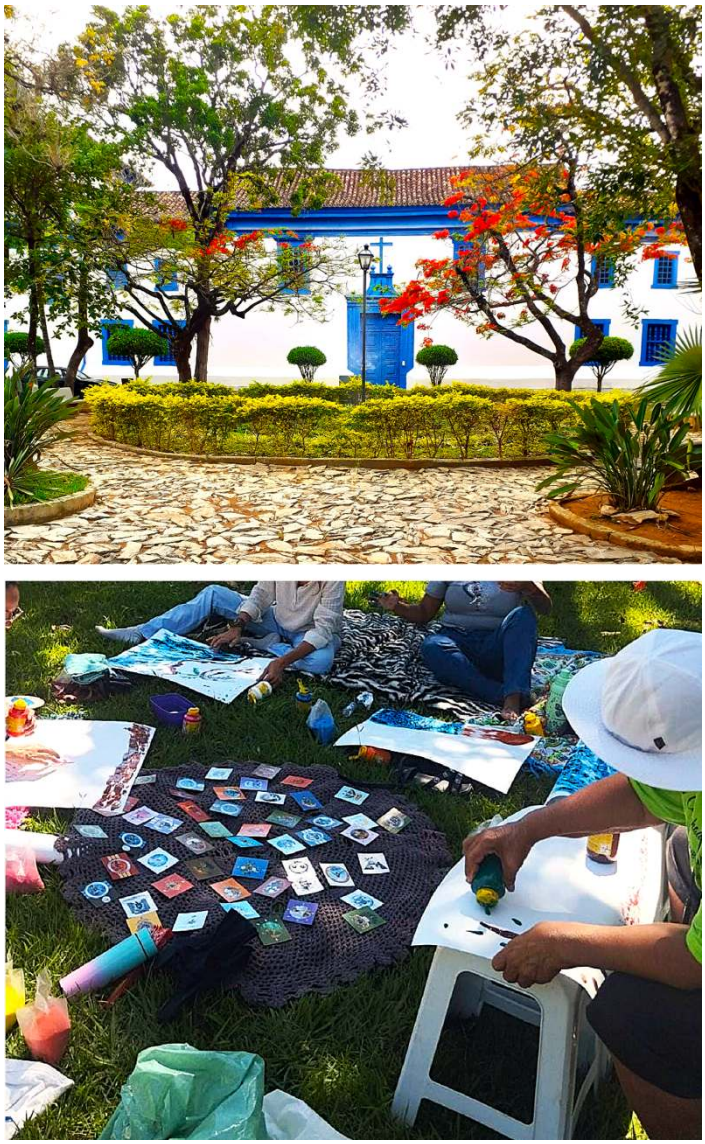
As participantes foram vendadas e guiadas em duplas, ativando escuta, confiança e sensorialidade. Em seguida, realizaram pinturas com areia colorida e tinta, evocando o mar, o céu e os ciclos da vida. A atividade favoreceu o contato com emoções profundas e com o tempo interno de cada mulher.

A presença da Rainha Perpétua da Guarda de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões (Catopê) trouxe à roda narrativas sobre o território, incluindo a revelação de um cemitério daqueles que serviram ao convento, sob uma árvore no jardim — espaço não sinalizado, mas carregado de memória.

A vivência com Iemanjá ativou gestos de acolhimento, cuidado e reconexão com o feminino ancestral. Os corpos reunidos diante da arquitetura colonial produziram uma reorganização simbólica daquele espaço, reinscrevendo presenças negras em um território historicamente associado ao silenciamento e à subalternização. Nesse sentido, a ocupação coletiva do jardim do convento reinscreve presenças negras em um espaço atravessado pela colonialidade, tensionando memória e territorialidade (Nascimento, 2006).

Figura 2

Vivência com Iemanjá no jardim do convento de Macaúbas. Participantes realizam atividades sensoriais e pinturas em roda no gramado, cercadas pela vegetação e pela arquitetura colonial.



Fonte: acervo pessoal das autoras

Nanã: barro, pedras e memória enterrada

A vivência com Nanã, orixá da terra e da ancestralidade, foi realizada no cemitério dos escravizados, território marcado por silêncio, memória e espiritualidade. Na figura 3, a imagem principal revela o portal de pedra e madeira, coberto por musgo, que conduz ao espaço ritual. Os caminhos e muros de pedra evocam o tempo e a permanência.

O totem construído pelas participantes, com pedras recolhidas do cemitério e modeladas com as mãos, pode ser compreendido como metáfora do corpo ancestral.

A verticalidade da estrutura evoca a conexão entre terra e céu, entre origem e transcendência, ativando narrativas de criação, memória e cura. Sob o arquétipo de Nanã, o gesto ritual se torna expressão simbólica da reconexão com os corpos enterrados e com os saberes que resistem no território.

A vivência permitiu “sepultar” padrões e dores, ativando o barro como elemento de cura e reconfiguração simbólica. A manipulação do barro e das pedras atualiza o corpo como território de ancestralidade, onde matéria e memória operam como dispositivos simbólicos de cura (Bernardo, 2009). O cemitério revelou vestígios de práticas católicas e afro-brasileiras, compondo um território plural de resistência e reverência.

Figura 3

Portal do cemitério e esculturas produzidas durante a vivência com Nanã. Caminhos de pedra, musgo e esculturas construídas pelas participantes compõem a paisagem ritual. Uma das mulheres aparece abaixada, recolhendo materiais para a sua produção.

Ñanduty
ISSN:2317-8590
Volume 14 | Número 23 | 2026



Fonte: acervo pessoal das autoras

Ñanduty
ISSN:2317-8590
Volume 14 | Número 23 | 2026

Entre igrejas e cemitérios: estética, memória e disputa simbólica

Na figura 4, as imagens revelam tensões entre estética colonial e quilombola, bem como na figura 5, entre memória oficializada e apagamento histórico. A comparação entre a ermida de Nossa Senhora da Conceição, no convento de Macaúbas, e a Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pinhões evidencia contrastes entre o barroco dourado e os desenhos simulados com tinta — gesto que pode ser lido como tentativa de pertencimento à normatividade branca, mas também como afirmação estética da resistência negra, dialogando com a noção de territorialidade negra e memória coletiva (Nascimento, 2006; Silva, 2005).

Ñanduty
ISSN:2317-8590
Volume 14 | Número 23 | 2026

Figura 4
Detalhes da ermida do convento de Macaúbas e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. As imagens evidenciam diferentes regimes estéticos e religiosos, nos quais a igreja quilombola afirma formas próprias de produção simbólica, pertencimento comunitário e resistência negra.



Fonte: acervo pessoal das autoras

No campo dos rituais funerários, o cemitério dos escravizados, tombado pela prefeitura de Santa Luzia/MG, tornou-se território de coexistência simbólica. Na figura 5, a imagem mostra elementos católicos, como o terço pendurado na cruz, e vestígios de práticas de matriz africana, realizadas à noite, como oferendas e objetos dispostos sobre pedras. A coexistência de elementos católicos e afro-brasileiros configura o cemitério como território ritual híbrido, onde diferentes cosmologias se articulam na produção do sagrado (Silva, 2005). A preservação do local atrai estas múltiplas formas de uso ritual, compondo um espaço de disputa e reconexão espiritual.

Em contraste, o cemitério não oficial do convento de Macaúbas, lembrado apenas pela oralidade da Rainha Perpétua, permanece invisível e sem sinalização, impossibilitando o mesmo sincretismo. A ausência de formalização revela o apagamento da população negra que serviu ao convento.

Figura 5

Registros do cemitério dos escravizados. Em um espaço rural, apresenta a cruz, terços, velas — elementos votivos associados a entidades espirituais — túmulos, evidências de práticas de reverência, cuidado espiritual e a coexistência de práticas católicas e afro-brasileiras no território ritual.

Ñanduty
ISSN:2317-8590
Volume 14 | Número 23 | 2026







Fonte: acervo pessoal das autoras

Ñanduty
ISSN:2317-8590
Volume 14 | Número 23 | 2026

Considerações finais: o corpo como altar

As vivências realizadas no Quilombo de Pinhões revelam o corpo como território de cura, resistência e ancestralidade. Ao articular práticas estéticas afro-brasileiras, psicologia simbólica e espaços sagrados, este ensaio afirma o corpo como altar multissensorial (Silva, 2005; Nascimento, 2006) lugar onde se inscrevem memórias, afetos e forças invisíveis. As imagens documentam gestos e paisagens que expressam modos de existir que desafiam o apagamento histórico. A coexistência de rituais católicos e afro-brasileiros no cemitério dos escravizados e o silêncio em torno do cemitério não oficial do convento revelam disputas simbólicas que atravessam o território e seus corpos.

Os encontros ocorreram de forma coletiva e sensorial, articulando escuta, deslocamento corporal, silêncio, produção artística e permanência nos territórios sagrados. Mais do que aplicações de técnicas arteterapêuticas, as vivências implicaram experiências compartilhadas de afecção e presença. Os corpos das pesquisadoras também participou desse processo, sendo atravessados pelas espacialidades, pelas narrativas e pelas memórias evocadas em cada território. Entrar em campo significou negociar emoções, silêncios e formas de pertencimento, reconhecendo o corpo não como instrumento neutro de observação, mas como lugar situado de produção de conhecimento.

Nesse sentido, a articulação entre psicologia simbólica, arteterapia e cosmologia afro-brasileira permitiu compreender as figuras arquetípica das iabás não apenas como categorias universais do inconsciente, mas como imagens simbólicas territorializadas, mobilizadas pelas experiências históricas e ancestrais das mulheres quilombolas. As práticas corporais (caminhar vendada pelo jardim, tocar o barro, observar-se no espelho diante da cachoeira) operaram como dispositivos de elaboração simbólica e reinscrição de si no território. Ao escutar as mulheridades negras em seus próprios espaços, este trabalho propõe uma estética da escuta, da presença e da transformação, reafirmando o direito à memória, à espiritualidade e à cura.

Referências bibliográficas

ACHUTTI, Luiz Eduardo. 1997. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre, Tomo Editorial, Palmarinca.

ACHUTTI, Luiz Eduardo. 2004. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, Tomo Editorial.

BERNARDO, Patrícia Pinna. 2009. *Mitologia africana e arteterapia: a força dos elementos em nossa vida.* São Paulo, Ed. do Autor.

CARNEIRO, Sueli. 2005. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo.

DIAS, Lúnia Costa. 2015. *Ser quilombola e ser de Pinhões: dinâmicas e experiências de uma produção do lugar***.** 2015. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

DINIZ, Lígia (org). 2014. *Mitos e arquétipos na Arteterapia — os rituais para se alcançar o inconsciente.* Rio de Janeiro, Editora Wak. 2° ed.

GONZALEZ, Lélia. 1988. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 92-93, p. 69-82, jan./jun.

JUNG, Carl Gustav. 2014. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis, Vozes.

MELO, Elza Machado; MELO, Victor Hugo (org.). 2016. *Por Elas, Por Eles, Por Nós* – Belo Horizonte: Folium.

NASCIMENTO, Beatriz. 2006. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. 2021. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para o discurso ocidental de gênero*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.

SILVA, Vagner Gonçalves da. 2005. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo, Selo Negro, 2005.

ZACHARIAS, José Jorge de Morais; SILVA, Felipe Alves. 2025. *Orí Àse: a dimensão arquetípica dos Orixás. 2025.* Petrópolis, Vozes; São Paulo, SP: Sattva.